



## UMA REFLEXÃO ACERCA DO LETRAMENTO E DOS GÊNEROS TEXTUAIS NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA<sup>1</sup>

Francildo Paiva Santos (UFPI)<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre o letramento e também como o livro didático de português tem abordado os gêneros textuais, bem como analisar de forma crítica como esse livro trabalha esses gêneros contemplando o letramento, ou seja, preocupando-se em inserir atividades do cotidiano da vida do aluno nos exercícios do livro, mostrando a função social do gênero trabalhado, e, sobretudo motivando o aluno a produzir textos condizentes com a sua realidade social. Analisarei o livro “Português Ensino Médio” da Editora Scipione, que tem como autor José de Nicola (2005), livro este usado atualmente na cidade de Esperantina Piauí em uma escola pública. O livro é dividido em três partes, sendo que a primeira contém oito capítulos, a segunda é composta por nove e a terceira por dez. Analisarei apenas o capítulo três que fica na parte “dois” do livro, que trata dos gêneros textuais no cotidiano. Essa análise está fundamentada em autores como Kleiman (2005), Marcuschi (2008), Soares (1998), dentre outros. Esperamos com essa discussão, uma ligação maior dos conhecimentos produzidos na academia com a política pedagógica da escola pública, com a intenção de favorecer uma aprendizagem mais significativa para o aluno oriundo de camadas populares, que deve se adequar aos letramentos propostos pela escola, muitas vezes, descontextualizados e sem ligação com os letramentos aprendidos na comunidade onde vive.

**Palavras chave:** Letramento. Gêneros textuais. Função social.

### 1 Considerações Iniciais

Esta análise é uma reflexão sobre como o livro didático de português (LDP) vêm abordando a questão dos gêneros textuais. Ela é relevante porque nos leva a observar se os gêneros tratados nesse livro consideram a perspectiva do letramento e da funcionalidade dos mesmos na vida do aluno fora da escola, ou se esses gêneros são voltados apenas para o contexto de sala de aula, como meros trabalhos escolares avaliativos.

O livro escolhido para análise, “Português Ensino Médio” da Editora Scipione, tem como autor José de Nicola (2005). O livro é usado atualmente na cidade de Esperantina em uma escola pública. A análise de um livro didático trabalhado nesta cidade com alunos do Ensino Médio é relevante porque, no contexto piauiense, não temos muitos trabalhos voltados para cidades do interior, visto que a maioria das pesquisas referentes à análise de

---

<sup>1</sup> Artigo produzido na disciplina Seminário IV: Materiais didáticos de língua portuguesa, ministrada na UFPI, em 2011/2, pelo professor Dr. Wellington Borges.

<sup>2</sup> Graduando em Letras Português da UFPI.

livros didáticos foi feita nos grandes centros. É importante que conheçamos também um pouco sobre como o LDP trabalha com gêneros textuais em um contexto de uma cidade pequena, se comparada às capitais brasileiras.

Conforme Kleiman (2005) "o letramento envolve a imersão da criança, do jovem ou do adulto no mundo da escrita". Essa imersão do aluno no mundo da escrita só terá sentido para ele, se forem adotadas práticas de leitura e de escrita adequadas à sua realidade social. É bom que o aluno conheça os gêneros que circulam no meio em que vive, ou seja, àqueles de que fará uso na resolução de problemas do cotidiano, pois os gêneros textuais, segundo Marcuschi (2008), são os textos que encontramos em nossa vida diária, os textos que fazem parte de nossa realidade.

O aluno que vive em um contexto de letramento é aquele que, segundo Kleiman (2005), participa das práticas sociais em que se usa a escrita. E isso é importante quando o LDP, através dos textos nele trabalhado, incentiva o aprendiz para a função do gênero, para a utilização deste em situação de uso na sociedade e não apenas na escola.

Este trabalho está organizado em três seções. Na primeira e na segunda seção, respectivamente, discorrerei sobre letramento e gêneros textuais na concepção de alguns teóricos. A última seção trata da análise do capítulo três do livro já citado.

## **2 O que é letramento?**

Desenvolver atividades que visem o letramento do aluno é fazer com que ele interaja com a língua escrita, é mostrar para ele os usos e funções dessa escrita. Conforme Antunes (2003, p.47) "a escrita, na diversidade de seus usos, cumpre funções comunicativas socialmente específicas e relevantes". Essa afirmação de Antunes nos remete aos contextos específicos em que a escrita deve ocorrer segundo as suas variações. E o texto não existe por acaso, e sim para cumprir funções comunicativas que são importantes para a sociedade.

Sabemos que, muitas vezes, os textos abordados no LDP, não focam a funcionalidade que os mesmos têm ou deviam ter na vida do aprendiz. Percebe-se, então, que a abordagem dos gêneros textuais no LDP não favorece um ensino condizente com o aluno, ou seja, que contempla o letramento. Segundo Kleiman (2005, p.05), "letramento é

um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar. Porque a escrita está por todos os lados, fazendo parte da paisagem cotidiana”.

Kleiman é bem enfática ao afirmar que a aprendizagem do aluno não deve se restringir apenas à escola, pois deve haver uma conexão com a vida real dele. Assim letramento é trazer atividades que atendam as necessidades que os aprendizes têm em suas vidas diárias. Muitos livros de Português ainda trazem atividades que não contemplam o letramento e muitos alunos sentem dificuldades quando se deparam diante de situações que devem resolver na vida prática. É interessante ressaltar que é sempre bom estarmos atentos para refletirmos quanto à concepção de letramento, pois uma pessoa que é letrada hoje, amanhã poderá não ser mais.

Sobre isso, Soares (1998, p.90) nos diz que “à medida que as condições sociais e econômicas mudam, também as expectativas em relação ao letramento mudam, e aqueles classificados como alfabetizados ou letrados em determinado momento podem não sê-lo em outro.”

Isso ratifica que deve haver uma reflexão em relação às atividades contidas no LDP, que deveria acompanhar os avanços da sociedade que está sempre em mudança. Estamos na era da informática, dos torpedos via internet e nossos alunos constantemente se deparam com essas tecnologias e precisam estar atentos para o seu uso, caso contrário não se adéquam ao padrão exigido pelo mercado. O que percebemos é que o LDP precisa se ajustar à vida de um aluno em pleno século XXI, que o ajude a manter-se mais ativo na sociedade. O que encontramos em muitos livros de português são atividades sem ligação com o aluno, que não o induzem a fazer questionamentos, que não buscam introduzir o dia-a-dia dele nas folhas do livro.

Dessa forma, letramento é dar sentido para a escrita e a leitura do aluno. É o professor escrever um texto no quadro que é condizente com sua realidade social, é incentivá-lo a ir além das páginas do livro. É interessante notar que alguém que sabe ler e escrever não necessariamente é uma pessoa letrada, pois ser letrado não é apenas saber ler e escrever, mas apropriar-se da leitura e da escrita. Vejamos na Análise de Soares:

Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua “propriedade”. (SOARES, 1998, p.39).

Essa afirmação de Soares é interessante no sentido de que suscita a diferença entre alfabetizado e letrado. O aluno que sente dificuldades em portar-se no dia-a-dia em relação aos usos da escrita, mas lê uma frase, pode ser apenas alfabetizado. Enquanto que o aluno letrado, além de saber ler e escrever comporta-se de forma diferente daquele, resolvendo problemas diários que envolvem a escrita e a leitura, sem precisar recorrer a terceiros.

Com isso, fica evidente que os livros didáticos deviam abordar mais questões referentes ao aluno, que é um ser que vive em uma sociedade e constantemente se depara com problemas aos quais precisa resolver. Os nossos alunos precisam saber o sentido e a função do texto que o livro apresenta e de um significado para tal texto. E os textos precisam estar adequados ao aluno e o ideal seria um texto extraído do contexto de vida deles.

Sabe-se que, pesquisas feitas sobre letramento, apontam que pode se observar no cenário educacional um aprendiz letrado apenas em relação ao contexto escolar, que sabe escrever e atender as exigências da escola, comportando-se de maneira formal. Mas quando lhe são apresentadas situações do cotidiano que envolvem a leitura e a escrita, esse estudante não consegue, de forma satisfatória, resolver o problema que a situação exige que o faça.

Percebemos então que as atividades trabalhadas na escola através do livro didático servem apenas para resolver os problemas da própria escola, não servindo para eles se beneficiarem fora dela. Muitos alunos saem da escola escrevendo textos de acordo com uma estrutura rigorosa. E vale ressaltar que, mesmo assim, sentem muitas dificuldades na hora de escrever, pois a preocupação com a estrutura do texto é a prioridade, deixando de lado o sentido do texto e a função social do mesmo.

### **3 O sentido dos gêneros textuais para o ensino de língua portuguesa**

É sabido que os Parâmetros Curriculares nacionais (PCN) já vêm abordando a questão dos gêneros textuais há alguns anos. E esta não sendo nenhuma novidade, faz-se necessário abordar em nosso estudo o quanto os gêneros textuais trabalhados de acordo

com a realidade do aluno podem promover uma aprendizagem mais significativa, condizente com a sua realidade.

Todos nós quando falamos ou escrevemos usamos a língua. E não usamos essa língua de forma a não querer nada, a não visar nada, sempre estamos querendo ou objetivando alguma coisa. E quando organizamos isso de forma a querer comunicar, seja oralmente, dispondo-se dos gêneros orais, seja escrito, através dos gêneros escritos, estamos nos apoderando de um gênero. Marcuschi se reporta aos gêneros como:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p.155)

Marcuschi define, então, os gêneros como aqueles que encontramos expostos em nosso cotidiano, que circulam na nossa sociedade. Esses gêneros são relevantes porque devem ter um sentido, um significado, e eles só circulam porque são construídos historicamente, ou seja, é um determinado grupo que os utiliza de acordo com as suas necessidades. Eles não existem por acaso, e sim em função de determinada sociedade.

É importante explicar como no ensino de língua materna através do auxílio do LDP se tem dado uma importância enorme à forma em que o texto deve ser escrito pelo aluno e aos seus aspectos gramaticais. O que acontece é que os alunos sempre gostam de perguntar ao professor, quando solicitados a escrever um texto, se o que eles vão escrever é uma dissertação. Isso só corrobora o que está arraigado no ensino por muito tempo, um ensino voltado para a estrutura do texto, de forma argumentativa e que se esquece de contemplar o conteúdo e a função social do mesmo na realidade do aluno. A estrutura do texto e os aspectos gramaticais são importantes, contudo não são prioridades.

É bom que o aluno conheça a relevância de seu texto na escola e também fora dela e não veja a atividade de produção textual apenas como uma tarefa escolar. Vejamos a reflexão de Antunes:

É evidente que, se não se consegue descobrir o texto e suas regularidades, também não se descobre a língua na sua dimensão funcional de atividade interativa. Daí que continuou, em grande parte das escolas, a experiência inócua e frustrante de um estudo de língua que parece esgotar-se em exercícios de classe e

deveres de casa, que pouco ou nada têm de discursivos, de textuais, de interativos e funcionais. (ANTUNES, 2009, p.53).

A reflexão de Antunes confirma a perspectiva escolar tradicional em que se trabalha com a produção de texto voltado para o âmbito da própria escola. E quando se trabalha com gêneros textuais isso não é diferente, pois acontece que, em muitos casos, os alunos não sabem o quê, o porquê e para que serve o texto que escrevem.

Dito isto, é importante que os gêneros textuais tenham um sentido nas aulas de língua portuguesa e, mais precisamente, nos livros de português, onde o aluno deve conhecer a funcionalidade dos textos e o propósito comunicativo dos mesmos. E o que o nosso estudo frisa aqui, é que muitas vezes os gêneros textuais são trabalhados nos livros didáticos como meros textos, que estão lá apenas para preencher certo espaço e dar a ideia de que o livro está tratando daquele assunto. Os gêneros devem ser trabalhados de forma que venham promover a interação na sala de aula e também fora dela.

Outra confusão feita no ensino de língua materna é confundir tipos textuais com gêneros textuais. Marcuschi (2008) distingue muito bem os gêneros textuais dos tipos textuais. Vale também mencionar a sua concepção de tipos textuais:

O tipo caracteriza-se muito mais como sequências lingüísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar. (MARCUSCHI, 2008, p.154-155).

Enquanto os gêneros textuais são ilimitados, os tipos são limitados. Os gêneros são textos em si materializados. Entretanto, podemos encontrar os tipos textuais nos próprios gêneros textuais, ou seja, cada gênero tem um tipo textual, que pode ser argumentativo, narrativo, descritivo.

#### **4 Análise do capítulo três**

Imbuído das teorias já estudadas e da visão de letramento que considera as vivências do aluno, farei uma análise do capítulo três, que fica na parte “dois” do livro

“Português Ensino Médio” da Editora Scipione, que tem como autor José de Nicola (2005). Esse capítulo trata dos gêneros e tipos textuais no cotidiano.

Inicialmente, gostaria de destacar que o autor do livro deixa bem claro, ao trabalhar com os gêneros, a diferença entre os tipos textuais e os gêneros textuais, como proposto por Marcuschi (2008), em que os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção (p.154-155) e os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária (p.155).

Assim, encontramos na página 157 do capítulo três:

Os gêneros textuais são os tipos de textos efetivamente produzidos em nossa vida cotidiana com características gerais comuns (formato, sequência ou estrutura linguística, assunto) facilmente identificáveis. Intimamente relacionados às práticas sociais de uma comunidade, os gêneros textuais:

- São inúmeros, tanto quanto o são as práticas sociais;
- São relativamente estáveis, tão estáveis quanto às práticas sociais a que servem. Enquanto a prática social estiver em vigor, o gênero textual a ela associado circulará. Assim, como a vida em sociedade está sempre em mudança e evoluindo, novos gêneros nascem, outros desaparecem e outros se mantêm.

#### **Os Tipos Textuais**

Chamadas tipos textuais, essas composições linguísticas têm como características a predominância de certas estruturas sintáticas, tempos e modos verbais, classes gramaticais, combinações, etc., de acordo com sua função e intencionalidade. Se os gêneros textuais são inúmeros, podemos identificar um número limitado de tipos textuais. Nesta coleção trabalharemos com cinco deles: narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo ou expositivo, injuntivo ou instrucional.

**Quadro 01:** Atividade de leitura do livro p.157 (trecho adaptado).

Assim observa-se, no quadro acima, que o autor do livro, abordando essa diferença, evita uma confusão que muitas vezes é feita na escola, que é confundir os tipos textuais com os gêneros textuais. E quando o autor aborda essa diferença isso se torna bastante positivo para o ensino, uma vez que o aluno fará essa distinção. O autor também explica na página 160 do referido capítulo sobre as sequências textuais, mostrando que os gêneros textuais podem apresentar sequências de mais de um tipo textual, embora um prevaleça.

Veja então, a explicação sobre sequências textuais na página 160 do referido capítulo:

**Sequências textuais**

Quando falamos em tipo textual, utilizamos o adjetivo **predominante**. Observe:

- Gênero romance – tipo textual predominante: narrativo
- Carta de opinião – tipo textual predominante: argumentativo
- Manual de instruções – tipo textual predominante: injuntivo

Mas por que dizemos que em determinado gênero **predomina** tal tipo textual? Porque num tipo textual narrativo, como por exemplo, uma crônica, podemos ter, em determinada passagem, uma **sequência** descritiva; em outra, uma **sequência** argumentativa; etc.

Por isso é importante trabalhar com a noção de **sequências textuais**, já que os textos podem ser montados com sequências de mais de um tipo textual, embora um prevaleça.

**Quadro 02:** Atividade de leitura do livro p.160 (trecho adaptado).

Analisando o quadro acima, percebemos a explicação do autor sobre as sequências textuais.

Verificando, agora, aspectos não muito favorecedores para o ensino que vise o letramento, não deixo de mencionar que o autor, apesar de ter citado no referido capítulo gêneros textuais como a carta, conversa telefônica e notícia de jornal não trabalha com profundidade esses gêneros, aliás, não encontramos no capítulo nenhum modelo deles.

A tabela abaixo apresenta os gêneros textuais citados no capítulo, bem como os modelos apresentados pelo autor:

Gêneros textuais citados no capítulo	Modelos apresentados no capítulo
Receita	X
Conversa telefônica	
Notícia de jornal	
Carta	
Recibo	
Bula de remédio	
Sermão	
Manual de instruções	
Biografia	X
Legenda de tela	X
Manifesto	X
Verbetes de dicionário	X
Diário	X
Crítica	X
Conto	

**Quadro 03:** Gêneros textuais.

É interessante notar que durante todo o capítulo o autor mostrou apenas modelos dos gêneros listados na coluna da direita, e não se vê nenhuma atividade de produção textual referente a eles. Com isso o aluno pode se questionar sobre o porquê da leitura e visualização desses gêneros no LDP, se isso não traz nenhum sentido e significado para ele.

Apesar de o autor abordar um pouco o gênero receita, inclusive mostrando modelo desse gênero, como se vê listado na tabela acima, não há também nenhuma atividade que motive o aluno a produzir o gênero receita. O aluno apenas visualiza no livro um modelo de receita culinária, não sendo estimulado para a produção desse gênero.

Vejam os dois modelos de receita da página 156 do capítulo três:



**Pão com tomate e presunto Pata Negra**  
Por Rafael Rios Escalona

**Ingredientes**  
(4 porções)  
8 fatias grandes de pão caseiro  
4 tomates maduros  
120 ml de óleo de oliva extravirgem espanhol  
150 g de presunto cru espanhol Pata Negra cortado em finas fatias  
Dentes de alho sem casca para passar no pão

**Decoração**  
Couve cozida, cortada em finas tiras

**Preparo**

- Torre levemente as fatias de pão.
- Passe o alho sobre cada uma das fatias, esfregando delicadamente.
- Em seguida, corte os tomates ao meio e esfregue a polpa sobre as torradas.
- Regue as fatias com o óleo de oliva extravirgem e disponha sobre as fatias de presunto Pata Negra.
- Decore o prato com a couve e sirva.

Revista Gula, ed. 139, maio 2004 / [http://www2.uol.com.br/gula/reportagens/139\\_delirios\\_gastron](http://www2.uol.com.br/gula/reportagens/139_delirios_gastron)

Quadro 04: Atividade de leitura p.156.

Na verdade, assim como no quadro acima, o que encontramos em todo o capítulo são abordagens de gêneros voltados para a sua estrutura, esquecendo de que a linguagem, como citado por Antunes (2009, p.49), "é uma forma de agir socialmente, de interagir com os outros, e o de que essas coisas somente acontecem em textos". O autor do capítulo não explora os textos no livro de forma que o aluno tenha em mente aquele texto para ser usado

no meio em que ele vive, de forma que aquele texto tenha uma funcionalidade, uma utilidade na resolução de seus problemas da vida real.

Prova disso são as inúmeras perguntas contidas nas atividades voltadas para a estrutura do gênero, como veremos adiante ao analisar uma das atividades do capítulo. Observamos também a preocupação do autor em explicar detalhadamente os tipos textuais e alguns gêneros. O que pretendo com isso é uma discussão sobre a atenção demasiada que os livros didáticos têm dado a esse aspecto, esquecendo-se de mostrar para o aluno a funcionalidade dos gêneros e a sua relevância no contexto social.

Percebe-se também no capítulo a escassez de gêneros textuais presentes no dia-a-dia dos alunos como: bilhetes, recados, convites, lista de compras, bulas de remédios, e muitos outros. Observa-se, ainda, que com os gêneros que o autor trabalha não se vê nenhuma referência deles no uso social, ou seja, não há no capítulo nenhuma atividade que desperte no aluno o desejo de escrever com alguma finalidade, com algum propósito.

Agora, vejamos a análise de uma atividade do capítulo em que se presume, depois de um estudo do mesmo, que o autor está trabalhando com gêneros textuais.

Atividade da página 162:

**ATIVIDADES**

1. Leia com atenção o texto abaixo:

a) Qual é o **gênero** textual e quais são as características que nos permitem identificá-lo?

b) Pensando no texto como um todo, qual é o **tipo** textual que predomina? Justifique sua resposta.

c) Pensando nas falas, qual é a sequência textual que predomina?

d) Observe com atenção o primeiro quadrinho: Calvin está fazendo uma pergunta, mas sua intenção não é a de obter uma informação. Qual é, então, sua intenção? Como você classificaria essa sequência?

e) No terceiro quadrinho, Calvin faz mais uma pergunta a sua mãe. Qual é a sua intenção? Como você classificaria essa sequência?

f) Observando o quarto quadrinho, responda: Calvin conseguiu atingir suas intenções? Explique.

Quadro 05: Atividade de leitura p.162

O mais interessante dessa atividade é que em nenhuma parte do capítulo o autor mencionou o gênero história em quadrinho e nem muito menos as suas características.

Então, o aluno deve identificar o gênero textual da atividade e as características do mesmo, sem ter tido um estudo desse gênero.

O autor se detém a fazer perguntas para o aluno referente às classificações, como o tipo textual do gênero e a sequência predominante. Isso seria importante depois de um estudo que mostrasse para o aprendiz a função do gênero história em quadrinho e a sua relevância para o ensino.

Ressalto que todas as outras atividades do capítulo seguem a mesma linha, voltadas para a estrutura do gênero e não para a sua função social. Há apenas uma atividade que pede para o aluno redigir uma página de um diário, e essa atividade é descontextualizada. Para atender as demandas de letramento, o aluno deveria escrever uma página de diário sobre seu dia-a-dia, ou contando os acontecimentos da sua cidade.

Vejamos a atividade na página 163 do capítulo três:

2. (UFMG)

**Como se conjuga um empresário**

Acordou. Levantou-se. Aprontou-se. Lavou-se. Barbeou-se. Enxugou-se. Perfumou-se. Lanchou. Escovou. Abraçou. Beijou. Saiu. Entrou. Cumprimentou. Orientou. Controlou. Advertiu. Chegou. Desceu. Subiu. Entrou. Cumprimentou. Assentou-se. Preparou-se. Examinou. Leu. Convocou. Leu. Comentou. Interrompeu. Leu. Despachou. Conferiu. Vendeu. Vendeu. Ganhou. Ganhou. Ganhou. Lucrou. Lucrou. Lucrou. Lesou. Explorou. Escondeu. Burlou. Safou-se. Comprou. Vendeu. Assinou. Sacou. Depositou. Depositou. Depositou. Associou-se. Vendeu-se. Entregou. Sacou. Depositou. Despachou. Repreendeu. Suspendeu. Demitiu. Negou. Explorou. Desconfiou. Vigiou. Ordenou. Telefonou. Despachou. Esperou. Chegou. Vendeu. Lucrou. Lesou. Demitiu. Convocou. Saiu. Chegou. Beijou. Negou. Lamentou. Justificou-se.

Dormiu. Roncou. Sonhou. Sobressaltou-se. Acordou. Preocupou-se. Temeu. Suou. Ansiou. Tentou. Despertou. Insistiu. Irritou-se. Temeu. Levantou. Apanhou. Rasgou. Engoliu. Bebeu. Rasgou. Engoliu. Bebeu. Dormiu. Dormiu. Dormiu. Acordou. Levantou-se. Aprontou-se...

MINO. In: PINILLA, A.; RIGONI, C.; INDIANI, M. T. *Coesão e coerência como mecanismos para a construção do texto*. Disponível em: [www.pead.letras.u0frj.br/tema09/conceitodecoesao.html](http://www.pead.letras.u0frj.br/tema09/conceitodecoesao.html). Acessado em 7 jun. 2004. (Texto adaptado.)

Suponha que o personagem desse texto tem uma secretária que, além de muito formal e metódica, é anticapitalista. Ela mantém o hábito de anotar, em seu diário, reflexões sobre o dia-a-dia do empresário retratado nesse texto.

**Redija uma página do diário** da secretária, em que ela manifesta uma **visão crítica** em relação ao comportamento do empresário.

**GÊNEROS E TIPOS TEXTUAIS NO COTIDIANO** | CAPÍTULO 3 | **163**

**Quadro 06:** Atividade de leitura p.163

Essa atividade é exposta para o aluno, mas em um contexto totalmente diferente do dele. O aluno deve supor que o personagem desse texto tenha uma secretária muito metódica e escrever uma página do diário dessa secretária. O que devia ser mostrado era uma explicação antes, no desenrolar do capítulo, sobre o gênero diário e pedir ao aluno em uma atividade, logo em seguida, que escrevesse, por exemplo, sobre os acontecimentos de sua vida ou de seu bairro, assim ele passaria a entender melhor a função do gênero diário.

## 5 Considerações Finais

O que se pode concluir do nosso trabalho e das análises feitas é que deve haver uma maior atenção em relação ao estudo dos gêneros textuais abordados no LDP. Percebemos que o capítulo três do livro analisado não apresentou um estudo sobre os gêneros textuais de forma mais aprofundada. O autor do livro ainda visou um ensino que considera a estrutura dos gêneros textuais, sem antes atentar para o seu uso e função na vida real do aluno.

De que adianta o estudante saber identificar os tipos textuais predominantes nos gêneros e não saber a função social deles? E nem produzir textos voltados para a sua realidade? Com isso fica evidente que como profissionais e estudantes de língua portuguesa sempre devemos fazer essas análises e reflexões a respeito dessa abordagem dos gêneros textuais no LDP. Verificar se os gêneros trabalhados no LDP condizem com a realidade do aluno, se esses gêneros os ajudam a resolverem situações-problemas da vida prática, ou seja, se está de acordo com um ensino que considera o letramento.

É função do professor, sempre que necessário, estar atento para essas análises e reflexões, pois é ele quem prepara a aula e adota o LDP. E ele, sempre que necessário, deve mudar o seu plano de aula, quando encontrar no LDP atividades descontextualizadas da vida do aluno e um ensino dos gêneros textuais que não visa o letramento.

## Referências

- ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível* / Irandé Antunes. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. (Estratégias de ensino; 10).
- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação* / Irandé Antunes, São Paulo: Parábola Editorial, 2003- (Série Aula; 1).
- DE NICOLA, José. *Português: ensino médio, volume 1* / José de Nicola. São Paulo: Scipione, 2005.
- KLEIMAN, Ângela B. *Preciso "ensinar" o Letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* [SL] Cefiel/IEL/Unicamp. 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio, 1946- *Produção textual, análise de gêneros e compreensão* / Luiz Antônio Marcuschi. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 296p. (Educação lingüística; 2).

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros* / Magda Soares. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. 125p.